

A JANGADA DE PEDRA: UM ROMANCE DE TESE

Cássia Maria Bezerra do Nascimento*

Resumo

Este trabalho procura demonstrar os recursos utilizados por José Saramago para fazer d'A Jangada de pedra um romance de tese. Seguindo o discurso histórico do livro, descobre-se o discurso narrativo, sendo o inverso também comprovado. As relações entre os discursos são feitas com grande expressividade. A narrativa fantástica apresenta-se a todo instante: fatos insólitos acontecem, a península separa-se do restante da Europa e a polêmica causada servem para comprovar a sua tese transiberista.

Palavras-chave: José Saramago; A jangada de pedra; romance português; literatura e história.

Resumé

This work tries to demonstrate the resources used by José Saramago to make A jangada de pedra a thesis romance. Following the historical speech of the book, we find the narrative speech, being its opposite also proved. The connections between the speeches are done with great expressivity. The imaginary narrative is presented all the time: unusual facts happens, the peninsula is divided from the rest of Europe, and the controversy that is caused serves as something to confirm this "transiberista" thesis.

Key words: José Saramago; A jangada de pedra; Portuguese Romance; literature and history.

A *Jangada de pedra* é um bom exemplo de como a obra literária pode ser muito mais que um simples espelho da realidade. A narrativa de José Saramago é um reflexo do real ao mesmo tempo que reflete o imaginário humano, questionando valores históricos, a existência humana, a vida. A literatura, conforme a leitura feita de Saramago, não é apenas um modo de ilustrar fatos históricos, da mesma forma que a História não se compromete apenas em narrar fatos.

O texto historiográfico, conforme os representantes da História Nova, deve apresentar expressividade literária, e o historiador pode preencher os fatos não comprovados por vestígios, como faz o ficcionista, utilizando-se do imaginário.

José Saramago utiliza em um texto literário para discutir sua tese transiberista. Desse modo, tem-se no livro dois discursos que se correlacionam, o historiográfico que se reveste de imaginário, de alegorias, e o ficcional envolvido com questões políticas. Se a discussão política era do interesse de Saramago, ele não poderia ter feito de forma melhor: as personagens da história viajam enquanto a jangada navega, afastando-se da Europa. É assim que manifesta seu descontentamento diante da integração portuguesa à Comunidade Econômica Européia e à intervenção norte-americana nos assuntos nacionais.

É pensando na presença do discurso histórico e político na *Jangada de pedra*, que o presente trabalho pretende desenvolver-se. Lembrando que o próprio José Saramago afirma em entrevista ao *Jornal de Letras, Artes e Idéias* que o livro é iberista. Através deste, tenta justificar a tese de que a ligação historicamente mais aceitável é a de Portugal à Espanha e não ao resto da Europa, e que os dois países têm mais proximidade com a África e com a América Latina.

A riqueza da expressividade de Saramago desenvolve uma histórica política cheia de metáforas, uma perfeita correlação de discursos. O pretérito e o presente, o novo e velho, o medieval e o contemporâneo encontram-se na jangada ibérica que se move sobre o mar. Saramago reacende a discussão iberista, uma questão, que conforme Carlos d'Alge em *Metáfora política num romance alegórico*, ainda fascina portugueses e espanhóis. É, pois, especificamente sobre este transiberismo que falará a presente pesquisa.

1 O DISCURSO FICCIONAL E O DISCURSO HISTÓRICO

Do mesmo modo que a História utiliza-se da linguagem ficcional, o texto literário pode perfeitamente incorpo-

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Federal do Ceará; bolsista da CAPES.

rar o discurso histórico, já que a presença do real é fundamental ao texto. E foi assim que fez José Saramago para defender sua tese transiberista. Guy Lardreau e Georges Duby em seus *Diálogos sobre a nova história* refletem a proximidade da História e da Literatura. Conforme Duby, *a história é um gênero literário, um gênero que depende da "literatura de evasão" – pelo menos em larguíssima medida; que a história satisfaz um desejo de nos evadir-nos de nós, do quotidiano, do que nos cerca*¹. O texto histórico é pois cercado de limites; ao escrever, o historiador deve se basear em fatos comprovados, e os hiatos existentes podem ser preenchidos com sua imaginação. E, como afirma Duby, *o imaginário tem tanta realidade como o material*.

A jangada de pedra correlaciona perfeitamente o real e o ilusório. O livro é pois uma perfeita combinação do discurso ficcional, do discurso histórico e do discurso político. José Saramago combina *lendas, narrativas locais, contos de fada, registrando o humor irônico com que uma forma ficcional se articula com outra próxima*², ao mesmo tempo que o insólito, o imaginário, navegam lado a lado ao real.

Com muita maestria, Saramago utiliza-se de tais recursos para encobrir o seu discurso histórico do presente português, uma discussão sobre a interferência européia nos assuntos do país. Para isso, o autor apoia-se na História da Península, contada pela História oficial, pelos textos literários, pelas lendas, pela cultura popular. Todos os vestígios históricos servem para comprovar o quanto a cultura ibérica é própria, diferente do que há no resto da Europa.

Um homem de escritório, um professor primário, um farmacêutico, uma mulher desquitada e outra viúva são, como se pode ver, pessoas comuns marcadas por fenômenos insólitos. Cada personagem acha que, no momento em que se deu a manifestação desses fenômenos, a península começou a se movimentar; fazem, desse modo, parte do presente histórico da península. Cada um dos cinco fenômenos acontecem sem testemunhas, em lugares isolados - só os estorninhos que rodeiam José Anaiço despertariam, conforme percebe-se no texto, a curiosidade popular. Mesmo assim, as autoridades dos dois países tomam conhecimento dos fenômenos e passam a procurá-los para esclarecimento. Através dessa atitude tomada pelas autoridades peninsulares, o narrador dá ao historiador duas saídas para preencher os hiatos deixados pela história: buscar respostas dentre pessoas do povo, ou deixar, sempre que possível ou necessário, que o imaginário e o insólito ocupem espaços em seu texto.

As cinco personagens fazem parte da história d'*A jangada de pedra* ao mesmo tempo que fazem História.

A jangada de pedra é uma história dentro de outra, e conforme reflete Pedro Orce: enquanto andam sobre a península, *a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, roda também à volta do sol e o gira em torno de si mesmo (...)*³. A esse invisível José Anaiço dá o nome de história e conclui que o visível que a norteia, ou seja, os vestígios deixados pelo tempo, não passam de uma cobertura. A partir destas reflexões, o narrador deixa claro a sua compreensão de escrever História como sendo muito mais do que se basear no visível, há muita coisa escondida por detrás deles e que podem ser resgatados pelo imaginário: um imaginário que se torna real nas mãos do historiador. É assim a reflexão de Guy Lardreau ao chamar a história de *guarda roupa das inscrições imaginárias, o historiador é o figurinista que ajusta figurinos que nunca foram novos*.⁴

Enquanto andam sobre a península, Joaquim Sassa, Pedro Orce, José Anaiço, Joana Carda e Maria Guavaira levam o leitor a conhecer, através de suas conversas, a geografia e a história peninsular, desde o tempo primitivo através da referência feita ao Homem de Orce, passando pelo passado medieval através das novelas de cavalaria, o passado glorioso das navegações, até chegar ao presente, à interferência européia nas questões peninsulares e sua conseqüente revolta.

Lembrando Camões e as navegações, Saramago fala da trajetória antes feita por navegadores portugueses espanhóis no século XVI, e que, em sua história, é feita pela própria Península. Um roteiro heróico, de países que não precisaram do resto da Europa, e que não precisam, necessariamente, formar com ela uma Comunidade apenas pelo fato de pertencerem ao mesmo continente.

2 O TRANSIBERISMO

Portugal e Espanha são vizinhos excêntricos para o restante da Europa. Países que um dia dominaram as fronteiras das navegações, mas que por ingerência política e econômica perderam espaço diante de países como a Inglaterra e a França. Os países ibéricos passaram a guardar consigo a lembrança do passado rico e heróico, isolaram-se em suas culturas diante da ambição dos vizinhos europeus. Apesar das diferenças, surgem organizações dispostas a unificar os países europeus, e é a partir do interesse europeu na participação dos países ibéricos na Comunidade Comum Européia que surge a polêmica que norteia o livro.

¹ LARDREAU. *Diálogos sobre a nova história*. p.38

² ALENCAR JÚNIOR. "A discursividade da história em *A jangada de pedra*". p. 195

³ SARAMAGO. *A jangada de pedra*. p. 256.

⁴ LARDREAU. *Diálogos sobre a nova história*. p.13

A narrativa d' *A jangada de pedra* é pois uma metáfora, a vontade de Saramago e de boa parte dos portugueses, descontentes com as interferências da Comunidade Económica Europeia no país, de desligar a Península Ibérica do resto da Europa, continente cujo país não tem ligações históricas e culturais.

A participação dos países ibéricos na CEE gerou discussões. A formação de uma comunidade implica proximidade entre os associados, o que era difícil de perceber dentre os ibéricos e o resto da Europa. A história de Portugal e Espanha tem horizontes diferentes dos outros países da Comunidade: a língua, a cultura, a literatura, tudo tem uma particularidade e uma riqueza própria. Ao relembrar a história portuguesa, o farto período do mercantilismo, Saramago quer provar o quanto a ligação ibérica é maior com os países latinos e africanos. Nesse período, Portugal e Espanha desbravaram mares e conquistaram terras em territórios da América Latina e da África, e é nesses lugares que se encontram, até hoje, vestígios da cultura ibérica. Por isso, é na direção deles o último percurso da jangada, que brincou em direções diferentes, despertando cobiça até dirigir-se ao seu destino real e lá estacionar.

À vocação da Península Ibérica para o Sul, José Saramago chama de transiberismo.

*Que sempre esteve latente mas que circunstâncias políticas, económicas, geo-estratégicas abafaram (...). Era disso que eu falava n' *A jangada de pedra*: cumprimos a vocação do Sul que vivi em nós, mas que nos últimos anos se tornou cada vez mais longínqua, esmagada pela obsessão europeística⁵.*

Na mesma entrevista diz que tentou mostrar duas coisas n' *A jangada de pedra*:

Primeiro: a Península no plano cultural (...); segundo: há na América um número muito grande de povos cujas línguas são a espanhola e a portuguesa. Por outro lado, nascem na África novos países que são as nossas antigas colônias. Então imagino, ou antes, vejo. Uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro.

A comprovação de sua tese passa pela ilustração de diversas discussões. A polémica de ser ou não iberista atravessa fronteiras e espalha-se pela Europa. Os governos estrangeiros tentam intervir e “resgatar” os países “pródigos” que parecem abandonar o continente para sempre; a Comunidade Comum Europeia e a Organização Tratado Atlântico

co Norte manifestam-se, enquanto a península diverte-se por mares desbravados antes por seus heróis.

2.1 Ser ou não iberista

A separação da Península Ibérica do resto da Europa gera um clima de medo e conflito em todo o continente. Há os que fogem para a segurança do continente imóvel; pessoas morrem, aviões são seqüestrados, a população abandona suas casas e pede abrigo no interior da península com medo de choque. Em meio a tantos problemas, a população manifesta diversos tipos de sentimentos e atitudes: há os que abandonam o país sem ressentimentos, há os ibéricos que louvam a idéia de ficarem longe do olhar europeu, há os europeus que lamentam o afastamento ibérico. É a idéia de ser ou não iberista que se espalha pelo continente.

Na décima primeira parte do livro, após falar do alagamento de Veneza, o narrador afirma que, para alguns europeus, era agradável o afastamento da península: *verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual⁶*. Conseqüentemente, Portugal combina perfeitamente com a Espanha, pois que fiquem então juntos, mas longe do restante da Europa. É esse o pensamento dos que aceitam facilmente os rumos da história, que não a questionam, e que sempre procuram nela uma satisfação pessoal.

Mesmo havendo os que se alegram com o afastamento da península, Saramago fala daqueles que ficam inconformados e desassossegados diante deste fato histórico, ansiando por uma solução. O narrador fala então de um destes inconformados, um destes que

ousou escrever as palavras escandalosas, sinal duma perversão evidente, Nous aussi, nous sommes ibériques, escreveu-as num recanto de parede, a medo, como quem, não podendo ainda proclamar o seu desejo, não agüenta mais escondê-lo⁷.

Essa frase, que significa nós também somos ibéricos, virou palavra de ordem e apareceu em diversos países, transcrita em diversas línguas, até mesmo em latim. Sua repercussão fez com que governos europeus organizassem debates e mesas redondas na televisão. A discussão era feita por pessoas que haviam fugido da jangada, *aqueles que, apesar dos apertados laços da tradição e da cultura, da propriedade e do poder, tinham virado as costas ao desvario geológico e escolhido a estabilidade física do continente⁸*. Os debates terminavam com a frase: *Faça como eu, escolha a Europa*.

⁵ D'ALGE, C. “Metáfora política num romance alegórico”. p.110

⁶ SARAMAGO. *A jangada de pedra*. p. 153

⁷ Idem. p. 153.

⁸ Ibidem. p. 155.

Diante de tantas discussões, Saramago insere a figura do jovem, daquele que sempre cheio de razões e sonhos toma frente, como comprovam os relatos históricos, de manifestações e de lutas sociais e políticas. E estando diante de um fato histórico tão importante, os jovens europeus não podiam ficar calados, armam-se, invadem ruas, para gritarem “nós também somos ibéricos”. Ironicamente, Saramago cita os sociólogos e psicólogos que com certeza virão a desdenhar dessas atitudes da juventude com suas perniciosas explicações, dizendo que

aqueles jovens não queriam ser realmente ibéricos, o que faziam, aproveitando um pretexto oferecido pelas circunstâncias, era dar vazão ao sonho irreprímível que, vivendo tanto quanto a vida dura, tem na mocidade geralmente a sua primeira irrupção, sentimental ou violenta, não podendo ser duma maneira é doutra.⁹

Um outro ponto alto do fazer histórico e literário de Saramago encontra-se na décima primeira parte do livro, quando é falado sobre a morte de um moço holandês: morre ao ser atingido por um bala de borracha - quantos casos assim já se repetiram pela história. O moço disse a célebre frase, sou ibérico, antes do último suspiro. Ironia da história, cada país diz que o jovem era seu. Um exemplo da eterna necessidade humana de possuir mártires.

2.2 A intervenção estrangeira

Em meio ao tumulto do surgimento das fendas que começam a separar a Península do resto da Europa, há reuniões da OTAN e da Comunidade Econômica Européia, as duas sociedades discutem o afastamento da Península. Chamando a Europa de mãe amorosa, Saramago ironiza as organizações que agora perdiam tempo discutindo o destino dos dois países. Uma mãe que depois de tantos anos resolve reunir os filhos para reeducá-los, uma prática inviável para a psicologia familiar, e por conseguinte, para conjunturas políticas.

A jangada flutuante não apresenta desde o início essa vocação para o Sul. Ao separar-se, ela encaminha-se para o ocidente, motivo que leva a CEE e a OTAN a fazerem reuniões para discutir o problema. A primeira manifestou-se mais claramente, tornando público que *o deslocamento dos países ibéricos para ocidente não poria em causa os acordos em vigor, tanto mais que se tratava de um afastamento mínimo*¹⁰. Para justificar-se, levanta os exemplos da distância da Inglaterra, da Groelândia, da Islândia que não afetavam a relação da Comunidade com tais países. Ironicamente

o narrador fala que houve países membros que, diante dessa situação acharam por bem dizer que se a Península queria ir embora, pois que fosse. A OTAN, discretamente, faz investigações do fato.

Após tantas discussões políticas sobre a situação ibérica e as manifestações que abalaram toda a Europa, essas organizações começaram a manifestar-se com mais evidência. Os países europeus querem explicações do governo português e espanhol sobre o que está acontecendo e chegam até mesmo a exigir que parem o movimento da península. Na décima segunda parte do livro, o primeiro ministro português expõe em rede nacional tudo que a península vem sofrendo ao povo português, as pressões que sofrem dos outros países europeus. A Europa culpa os países ibéricos pela desordem pública das massas de manifestantes que exprimiram a sua solidariedade com os povos da península e diz

Ora, esses governos, em vez de nos apoiarem, como seria demonstração de elementar humanidade e duma consciência cultural efectivamente europeia, decidiram tornar-nos em bodes expiatórios das suas dificuldades internas, intimidando-nos absurdamente a deter a deriva da península, ainda que, com mais propriedade e respeito pelos factos, lhe devessem ter chamado navegação.¹¹

Mais à frente, estranha o fato dos governos europeus que nunca os quiseram consigo, agora exijam mesmo sem ser do desejo deles que os ibéricos façam o que é impossível. A falta de poder tirou dos europeus o bom senso. Nesta euforia do discurso, o primeiro-ministro refere-se ao grande espírito humanitário dos Estados Unidos, de onde fica sendo enviado o abastecimento de carburantes e de produtos alimentares. E ao final do discurso do primeiro ministro, lembra que a história pode confirmar a dignidade do povo português.

O sonho ibérico de afastar-se da Europa é ameaçado pela possível colisão da península com o Açores, que não chega a acontecer. O medo do choque faz com que os Estados Unidos garantam a evacuação das ilhas, enquanto os governos português e espanhol pedem à população que abandonem o litoral. Talvez por isso chegou-se a achar que a nova rota salvadora havia sido fruto de alguma poderosa corrente marítima artificialmente produzida pelos norte-americanos ou pelos soviéticos.

A nova rota para o norte agrada ao governo norte-americano, que garante receber de braços abertos o novo vizinho. Ironicamente, os Estados Unidos, o país que estranhamente participa de guerras mas que é pacificador em nome da ONU. É desse país, com quem a península não tem cor-

⁹ SARAMAGO, J. *A jangada de pedra*. p. 156

¹⁰ Idem. p. 42

¹¹ SARAMAGO. *A jangada de pedra*. p.160.

relação histórica, de quem é afastado por um oceano, de onde vem a ajuda e o apoio necessário. Mais do que apoio, os Estados Unidos exercem, conforme Saramago em seu discurso de agradecimento ao Prêmio Nobel, um domínio sufocante. Todos os momentos acima mencionados exemplificam a constante influência estrangeira na Península Ibérica. Uma influência desagradável ao narrador, e que o faz afastar mais e mais a jangada de pedra da Europa, de dirigi-la à direção norte para despertar cobiças e só então levá-la para junto de suas ex-colônias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler *A jangada de pedra* é participar de um debate histórico, ao mesmo tempo que se navega pela literatura, pela geografia Ibérica. É acompanhar com Saramago o desenvolvimento de sua tese, o desabafo de quem sempre percebeu o descaso e a ânsia do poder europeu. Uma leitura que chega a confundir olhares despreparados que buscam apenas compreender o desenrolar dos fenômenos, e que fascina aos mais atenciosos.

Aspectos do mundo moderno estão presentes na história. A informação chega pela televisão, pelo rádio, tudo “ao vivo” para o mundo. Saramago aproveita-se desses recursos modernos, apresentando discussões em forma de debates políticos, mesas-redondas, notícias, entrevistas, comentários. As pessoas participam da História, formam movimentos de massa, têm opinião e agem sobre os acontecimentos. É um novo modo de fazer história e um novo modo de produzir literatura.

O discurso historiográfico e o discurso literário integram-se sem dificuldades, o leitor acompanha os passos das

cinco personagens da história, ao mesmo tempo que acompanha a navegação da península. Um movimento de revolta, como se a Península Ibérica fosse como um jovem que foge de casa cansado de repreensões, cansado dos falsos amigos europeus. Como quem abandona a *mãe amorosa* que nunca lhe deu a atenção de que sempre precisou.

José Saramago expressa em *A jangada de pedra* o seu compromisso humanista. Parada entre a América e a África, longe da influência européia, e do domínio sufocante norte-americano, a península encontra o seu lugar no mundo e na História. É a hora de buscar bons amigos, de reencontrar velhos conhecidos, e de refazer-se. É a comprovação do que ele chama de transiberismo.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR JÚNIOR, Leão de. (1999) A história flutuante de *A jangada de Pedra*. In: *Café das artes*. Revista de Informação Cultural, N.º. 2, ano II, p. 24-26.

_____. A discursividade da história em *A Jangada de pedra*. In: *Culturas, contextos e contemporaneidade*. Salvador: ABRALIC, p. 195-200.

D’ALGE, Carlos (1999) Metáfora política num romance alegórico. *Vestletras*. Dez fascículos sobre obras selecionadas para o vestibular. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, p. 105-120.

LARDREAU, Guy (1989) *Diálogos sobre a nova história*. Lisboa: Dom Quixote.

SARAMAGO, José (1999) *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras.